

CRÍTICA / TEATRO / ABSOLVIÇÃO

Divulgação

Deus, perdoai os nossos pecados

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Existem fatos sussurrados na calada dos ambientes. E os que nem poderiam acontecer e, por isso, nem são falados. Existem uns que, de tão abjetos, nem deveriam existir. O abuso infantil, de qualquer forma, merece o fogo dos infernos. Mas ele existe, insidioso, disfarçado em sua crueldade. É desse tema, no coração da Igreja Católica, que “Absolvição” se constrói como experiência teatral ousada e profundamente impactante.

A peça nasce das entrevistas com vítimas feitas pelo dramaturgo irlandês Owen O’Neill, em um país fortemente católico, o que confere profundidade à narrativa e aborda a justiça pelas



O monólogo com encenação de Andriu Freitas joga luz sobre temas desconcertantes

próprias mãos. A direção de Daniel Herz foge do óbvio ao criar uma experiência estética envolvente, utilizando cadeiras como elementos cenográficos que representam os diferentes crimes.

Destaca-se a atuação de Andriu Freitas, que transita entre diferentes emoções e perspectivas do personagem. Sua entrega visceral demonstra domínio técnico e emocional. A forma como a peça se desenvolve como um depoimento do próprio personagem enriquece a narrativa, reforçando a ideia de que o espetáculo não fornece respostas definitivas, mas provoca questionamento. Para atingir o equilíbrio entre a brutalidade do tema e a reação da plateia, o cenário de Wanderley Gomes, um grande painel reproduzindo artisticamente a grade do confessionário, aproveita bem o espaço cênico reduzido. O figurino reforça o desfecho da narrativa, remetendo o personagem a um lugar de herói, o que sublinha a intenção de fugir do óbvio – e consegue lindamente.

A peça mergulha em camadas emocionais complexas, expõe a fragilidade e os dilemas humanos sem recorrer a facilidades ou clichês. A coragem da dramaturgia está na forma como conduz o espectador por uma jornada intensa, sem temor de escancarar verdades desconfortáveis.

SERVIÇO**ABSOLVIÇÃO**

Espaço Abu (Av. Nossa Senhora de Copacabana, 249/E - Copacabana) | Até 30/3, sextas e sábados (20h) e domingos (19h) | R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

E a revolução?

Estreia no Sesc Tijuca o espetáculo “Foi Enquanto eu Esperava a Encomenda de um Livro de Maiakóvski que Tive uma Epifania Sobre a Revolução”. A montagem do premiado Grupo Pano, de São Paulo, une música ao vivo, palhaçaria e sátira social, combinando humor, absurdo e poesia para criticar a inércia na transformação do mundo. Com dramaturgia e direção de Caio Silviano, a trama acompanha quatro revolucionários que aguardam um livro de Maiakóvski para encontrar a inspiração que falta ao seu plano.

Nil Canine?/Divulgação

Stephany Brito/Divulgação

**O herói esquecido**

“Turmalina 18-50”, em cartaz no Teatro Ipanema, refaz os caminhos percorridos por João Cândido, líder da Revolta da Chibata. O premiado espetáculo da Cia. Cerne relembra os abusos sofridos pelos marinheiros negros até a primeira década do século passado, exalta a Revolta da Chibata, marco na luta por igualdade racial em nosso país, denuncia o esquecimento intencional a que esta revolta e suas consequências foram submetidas e apresenta a vida de João Cândido, um herói nacional pobre e esquecido, incógnito na Baixada Fluminense.



Nil Canine?/Divulgação

**Legado de Aderbal**

O Teatro Gláucio Gill apresenta a exposição Aderbal Teatro Cidade, homenageando Aderbal Freire-Filho, diretor de teatro, ator e apresentador, falecido em 2023. Com curadoria de César Oiticica Filho, a mostra celebra a obra de Aderbal que criou, em 1989, no próprio Gláucio Gill, o Centro de Demolição e Construção do Espectáculo (CDCE), um marco da dramaturgia brasileira. Idealizada por Rafael Raposo, com conceito visual de Lea van Steen, a exposição extrapolará as fronteiras do espaço, sendo apresentada também na Praça Cardeal Arcoverde.